

## RACHEL DE QUEIROZ, EGRÉGIA ESCRITORA, NA ARIDEZ DO SOLO TEXTUAL SERTANEJO

*Josefa Lieuzza Leite<sup>1</sup>*  
*Maria Ediluzza da Costa<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho versa sobre a exímia escritora da literatura brasileira Rachel de Queiroz e a crítica literária relativa a ela e ao romance *O Quinze*, publicado na década de 1930, evidenciando a seca de 1915. Na obra literária, destaca-se a seguinte conjuntura: a seca, fenômeno natural; e, as consequências desse, tanto para o Vaqueiro Chico Bento e sua família como para Vicente e Conceição, moça culta da capital. A narrativa *O Quinze* destacou a autora na literatura brasileira, dado que ela foi a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL). Com isso, objetivamos analisar alguns pontos da crítica no que tange à obra, expressando o mérito dessa e da escritora na literatura brasileira. Para isso, utiliza-se como abordagem a pesquisa qualitativa; quanto à técnica, a bibliográfica. Para fundamentar esse estudo, perscrutamos os teóricos: Monteiro (1977), Filho (1977), Moisés (1975), Candido (2006), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raquel de Queiroz. Mulher. Livro. Seca. Crítica.

## RACHEL DE QUEIROZ, EGREGIOUS WRITER, IN THE ARIDITY OF THE TEXTUAL BACKCOUNTRY SOIL

**ABSTRACT:** This work discusses about literary criticism in Rachel de Queiroz's novel *The Fifteen* published in the 1930, focusing on the drought of 1915. The literary work

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: joluz\_@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1602-0789>.

<sup>2</sup> Pós-doutoramento pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [ediluzzacostauern@gmail.com](mailto:ediluzzacostauern@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5669-0109>.

stands out as to the social aspect that originated it, the drought. The novel highlights the following situation: the drought and the consequences caused both for the Cowboy Chico Bento and his family as for Vicente and Conceição, a cultured girl from the capital. The narrative is a reference milestone in the authoress's literary life, since she was the first woman to occupy a chair at the Brazilian Academy of Letters, with this, the objective of this article is to analyze some points of criticism related to the work, presenting the relevance of this and the authoress in Brazilian literature. This study uses, as approach, qualitative research; as to technique, bibliographic. To support this research, we examine the theorists: Monteiro (1977), Filho (1977), Moisés (1975), Candido (2006), among others.

**KEYWORDS:** Raquel de Queiroz. Woman. Romance. Drought. Criticism.

## **RACHEL DE QUEIROZ, DISTINTA ESCRITORA, EN LA ARIDEZ DEL SUELO TEXTUAL SERTANEJO**

**RESUMEN:** Esta obra trata sobre la escritora de literatura brasileña Rachel de Queiroz y la crítica literaria relacionada con ella y la novela *O Quinze*, publicada en la década de 1930, evidenciando la sequía de 1915. En la obra literaria destaca la siguiente coyuntura: sequía; fenómeno natural; y, las consecuencias de esto, tanto para El Vaquero Chico Bento y su familia como para Vicente y Conceição, una chica culta de la capital. La narrativa *O Quinze* destacó a la autora en la literatura brasileña, dado que fue la primera mujer en unirse a la Academia Brasileña de Letras, con eso, nuestro objetivo es analizar algunos puntos de crítica con respecto a la obra, expresando el mérito de esta y del escritor en la literatura brasileña. Para ello, se utiliza como enfoque, la investigación cualitativa; en cuanto a la técnica, la bibliográfica. Para apoyar este estudio, nos asomamos a los teóricos: Monteiro (1977), Filho (1977), Moisés (1975), Candido (2006), entre otros.

**PALABRAS CLAVE:** Raquel de Queiroz; Mujer; Libro; Seco; Crítica.

**Louvação**

(à Rachel de Queiroz)

Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo.  
 Louvo Rachel, minha amiga, nata e flor do nosso povo.  
 Ninguém tão Brasil quanto ela, pois que, com ser do Ceará,  
 tem de todos os Estados, do Rio Grande ao Pará.

Tão Brasil: quero dizer  
 Brasil de toda maneira

[...]

Louvo a sua inteligência, e louvo o seu coração.

[...]

Louvo o seu romance: *O Quinze* e os outros

[...]

Mas chega de louvação, porque, por mais que a  
 louvemos, nunca a louvaremos bem.

[...]

(BANDEIRA, 1986, p. 236-237)

**INTRODUÇÃO**

Neste artigo, apresenta-se breves considerações da crítica literária acerca da autora Rachel de Queiroz, em conjunto com o seu romance *O Quinze*, que foi um marco para o seu ingresso como a primeira escritora a integrar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em 1977. Nessa dimensão, aquele texto literário traz como temática: o sertão, o sertanejo e a problemática da seca. Esses temas incorporam não apenas a literatura, mas as artes em geral.

Rachel de Queiroz é considerada uma célebre escritora, produziu textos literários de grande relevância para o Brasil e suas criações literárias são reputadas como os clássicos da literatura brasileira. Nesse ponto, “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.” (CALVINO, 2007, p. 12). Efetivamente, a grandiosidade do trabalho da escritora de *O Quinze* é incomensurável. Nessa direção, as suas obras literárias, mesmo depois de décadas de sua criação, assim como

do falecimento da sua criadora, em 2003, continuam na magnanimidade da beleza das criações literárias brasileiras e artísticas no transcorrer do tempo. Seu trabalho se mantém vivaz para os amantes da leitura, docentes, discentes, pesquisadores etc.

De cunho proeminentemente teórico, o estudo será suscitado a partir de uma análise alusiva dos personagens que integram o romance, tendo como contributo metodológico de abordagem a pesquisa qualitativa, pois essa não “[...] se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa.” (FLICK, 2009, p. 25). Ante o exposto, o artigo tem como técnica a bibliográfica, levando em consideração que “a pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominantemente de informações advindas de material gráfico, sonoro e informatizado.” (BARROS & LEHFELD, 2007, p. 85). Para tal, essa técnica faz-se imprescindível, visto que ela é uma peça necessária e indispensável em qualquer pesquisa científica. Nesse ínterim, esses métodos de pesquisa delimitam o presente estudo.

É relevante destacar que, para este trabalho, algumas considerações críticas serão explanadas no artigo para expor a importância da escritora Rachel de Queiroz na literatura brasileira e a crítica literária feita para ela no Brasil, bem como no que diz respeito a sua primeira narrativa literária, *O Quinze*.

## **RACHEL DE QUEIROZ, MULHER CEARENSE, NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO**

Rachel de Queiroz foi uma ilustre escritora, mulher brasileira, que retratou por meio de suas obras: vivências, espaço, tempo, dentre outros, a vida nordestina e brasileira, sem rebuscamento linguístico, com palavras e construções simples, os seus personagens são intérpretes da vida, não meras ilustrações fictícias. Ela nasceu em dezessete de novembro de mil novecentos e dez, na Rua Pompeu, em Fortaleza, capital do Ceará. Em 1917, com o acompanhamento dos pais, vai para a cidade carioca com sua

família que procura olvidar os terrores e as consequências provenientes da seca de 1915, que posteriormente a autora iria dispor como temática do livro *O Quinze*, seu romance de estreia, “[...] de ambientação cearense.” (BOSI, 1994, p. 361). À vista disso, é por meio da obra literária *O Quinze* que a escritora estreia na ficção “[...] abre sua obra literária e participa do ciclo nordestino.” (FILHO, 1977, p. 14). Diante desse lançamento, a sua aptidão para a escrita provocou a atenção da crítica, porque *O Quinze* foi um texto literário que se prestou a desestruturar “[...] o solo comum da sociedade mostrando como a mulher poderia se desvencilhar da postura imposta e esperada pelo sistema patriarcal, recuperando o direito de ser sujeito para realizar suas atividades produtivas [...]” (JACOMEL; PAGOTO, 2009, p. 14), em qualquer espaço profissional. Contudo, além disso, há outra marca notável na escritora, a forma como ela retratou engenhosamente o feminismo na existência da personagem feminina Conceição que, por ser culta e ter personalidade forte, tem uma vida distanciada da rotina sertaneja, deixando a família apreensiva com suas concepções avançadas para a época.

No Rio de Janeiro a família de Rachel ficou pouco tempo, mudando-se para Belém do Pará por dois anos. Em mil novecentos e dezenove, regressa para Fortaleza, dois anos depois a autora se matricula no Colégio da Imaculada Conceição, administrado por freiras, escola que concluiu o ensino normal, em 1925, aos quinze anos de idade. Posteriormente, no ano de 1927, propensa ao jornalismo, principia a colaborar no jornal *O Ceará*, transmutando para redatora permanente. No final de 1930, lança *O Quinze* com um grande resultado não esperado, devido à repercussão da obra no Rio de Janeiro e em São Paulo. A versão francesa deste livro foi divulgada em 1986 intitulada *L'année de la grande sécheresse* (O ano da grande seca). Na época da publicação do livro, a escritora tinha 20 anos de idade e era praticamente desconhecida; todavia, o lançamento desta obra destacava “[...] qualidades incomuns num estreante [...]” (MOISÉS, 1975, p. 468), tão jovem e mulher. O romance a lançou na literatura brasileira, devido ser demasiadamente realista na sua considerável explanação da batalha centenária de um povo em combate à miséria e à seca.

No ano subsequente do lançamento do livro, em 1931, Rachel foi para o Rio de Janeiro, entretanto, nunca deixou de passar algum período do ano em sua fazenda “Não me deixe”, numa cidade do estado do Ceará, Quixadá, na sub-região do agreste cearense, que ela a preconiza e sempre expôs em toda sua obra. Nesse seguimento, em 1977, ela é a primeira escritora a ser designada para a Academia Brasileira de Letras, “[...] inaugurando a presença feminina na entidade” (FANINI, 2009, p. 231). Nesse mesmo ano adquiriu o troféu personalidade Global, entre outros prêmios outorgados a ela nos anos seguintes, tais como medalhas e títulos de Doutor Honoris Causa, honra concedida pela Universidade Federal do Ceará, em 1981; pela Universidade Estadual do Ceará, em 1993; pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, de Sobral, em 1995; pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2000; entre outros.

Para além de *O Quinze*, outros trabalhos tiveram destaque, produzindo em diversos gêneros, as seguintes obras literárias: romances, como *João Miguel* (1932), *Caminhos de Pedra* (1937), *As Três Marias* (1939), *Dora Doralina* (1975), *Memorial de Maria Moura* (1993); Teatro: *Lampião* (1953), *A Beata Maria do Egito* (1958); Crônicas: *A Donzela e a Moura Torta* (1948), *O Brasileiro Perplexo – Histórias e Crônicas* (1964), *O Caçador de Tatu: 57 crônicas escolhidas* (1967), *As Meninas e Outras Crônicas* (1976), etc; Literatura infanto-juvenil: *O Menino Mágico* (1967), *Cafute e Pena de prata, Xerim-babo, as Menininhas e Outras Crônicas* (1976); Memórias: *Tantos anos* (1994), *O Não Me Deixes: Suas histórias e Sua Cozinha* (2000); *Antologia; Seleta* (1973). Além disso, em sua vasta produção, encontramos outros trabalhos, como livros didáticos, prefácios, notas em livros, traduções, coautoria com outros grandes nomes da literatura brasileira, dentre outros.

Rachel de Queiroz faleceu na capital do Rio de Janeiro, aos noventa e dois anos, em dois mil e três. Autora memorável que sempre será apresentada e recordada tanto pelo seu trabalho como escritora, assim como pelo o que simbolizou. Uma aguerrida mulher nordestina com uma vida consagrada a escrita, um olhar sempre direcionado para a realidade e que até os dias atuais os seus trabalhos são citados para fundamentar a realidade de outrora, porque como autora, mulher, nordestina, migrante, jornalista, civil etc., ela tinha um olhar histórico para o tempo da escrita e

para além dele, por isso seus textos têm se perpetuado no tempo, em razão de serem precisos, sem vocabulário rebuscado, com coerência lógica, linguagem simples etc.

Nesse amálgama, diante das considerações relatadas, no que concerne à vida e obra da escritora cearense, essas “[...] figuram como índices precisos, espécie de marco ou emblemas do processo de emancipação social de mulher brasileira do século XX.” (DUARTE, 1995, p. 81, *apud* DUARTE, 2003, p. 163). Ademais, uma inspiração para as gerações posteriores a sua, dado que abriu caminho para as mulheres brasileiras; como mulher nordestina foi referência nacional, quando passou a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, destacando-se como uma mulher intérprete do seu país, do seu tempo e do espaço geográfico em que viveu.

### **1915: UM FENÔMENO E UM LIVRO, SEM ADORNOS E SOFISTICAÇÃO LINGÜÍSTICA**

O livro com mais notoriedade de Rachel de Queiroz, inequivocamente é, *O Quinze*, que teve demasiada “[...] importância na [...] parte excepcional da moderna ficção brasileira.” (FILHO, 1977, p. 20). A designação do título do romance diz respeito à seca de mil novecentos e quinze, vivenciada pela autora em sua infância. Efetivamente, “[...] o que afinal de contas poderia ser mais verdadeiro do que o relato da própria pessoa o assunto que ela vivenciou? [...] a experiência como prova incontestável e como ponto de explicação originário [...]” (SCOTT, 1998, p. 301), em vista desse questionamento, a autora conta o que aconteceu, descreve um fenômeno que ela experienciou por meio da ficção. Nessa situação, na narrativa sobrepõe algumas circunstâncias interligadas como a seca e a sua miséria cabal; bem como as consequências ilustradas no enfraquecimento, tanto para o vaqueiro Chico Bento e família, quanto para Vicente, descendente de um latifundiário, grande proprietário e criador de gado; contudo, no plano afetivo na sua relação afetiva com Conceição é um indivíduo puro; todavia, rude, situando em posição elevada para ele, a terra e a criação; e, ela uma moça culta; entretanto, em seus discursos não se desfaz de sua humildade e nem do modesto perfil que tem de suas origens.

Neste contexto, a obra literária tem como assunto social a seca de 1915, na unidade federativa do Ceará, à vista disso, “[...] o romance fixa o drama dos retirantes (Chico Bento, D. Inácia e outros), em meio ao qual esboça um idílio amoroso entre Conceição e Vicente, que não chega a concretizar-se, tragado pelo flagelo e pelo ar de miséria que tudo impregna.” (MOISÉS, 1975, p. 464). Como se vê, a extensão da seca do ano mencionado como temática do romance faz com que “[...] a própria ideia de grande obra está ligada a um período específico [...]” (DURÃO, 2016, p. 95), dado que a obra depende “[...] das condições sociais que determinam a sua posição.” (CANDIDO, 2006, p. 40). Nesse âmbito, estas condições favoreceram na produção do livro.

Advém, todavia, que na obra literária d’ *O Quinze* a representação feminina de Conceição “[...] ao lado de homens fragilizados pela exploração antiquíssima e à catástrofe da seca, a personagem feminina exhibe traços de emancipação e prefere viver sozinha, ‘pensando por si’, do que aceitar um casamento tradicional.” (DUARTE, 2003, p. 164). Nesse período, “[...] a realização da mulher restringia-se ao casamento, à maternidade ou à vida consagrada” (CONFORTIN, 2003, p. 119). Por consequência, a concretização dos objetivos femininos limitava-se ao matrimônio. Para além disso, na narrativa *O Quinze*, as representações, além de vivenciarem a seca, lutam de diversas maneiras pela sobrevivência.

A escritora cearense expõe o sertão como um lugar que gera o sentimento de saudade nos sertanejos que deixaram a sua terra, mesmo com as dificuldades do cotidiano, de um local desditoso, que como consequência das condições climáticas na região acarreta a miserabilidade dos moradores; contudo, particularmente por causa do latifúndio e do coronelismo. A fala discorrida pela autora mostra os infortúnios do migrante nordestino com um olhar de excepcionalidade, em razão do sertanejo ter que se afastar da sua terra, ou seja, afugentar, devido a estrutura agrária e suas deficiências. Nessa linha de conteúdo, *O Quinze* mostra uma das maiores adversidades social do Nordeste, isto é, a fuga do homem que embora tenha amor por sua terra é expulso, devido às condições desfavoráveis do ambiente e a incessante batalha pela manutenção da vida. Por esse motivo, a narrativa é “[...] a descrição de flagelo [...]” (SODRÉ, 1995, p. 550), causado pela seca.



Partindo do pressuposto de que a literatura reverbera um momento histórico, a seca de 1915 foi o fator primordial para a construção do romance *O Quinze*, trazendo nele a problemática que envolve este período de escassez de água no sertão nordestino. Sucede, no entanto, que as “[...] produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições [...] humanísticas. São casos em que o autor deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade [...]” (CANDIDO, 2004, p. 181), que no caso do texto literário *O Quinze*, exterioriza-se a seca e suas conseqüências para os personagens, bem como para os habitantes do Ceará.

Com efeito, o romance *O Quinze* fez parte do segundo momento do modernismo, a denominada geração de trinta. Nela, as ficções eram voltadas para o regionalismo e o social, tendo como destaque “[...] a terra sobrelevando a tudo [...]” (COUTINHO, 1975, p. 279), a falta de chuva naquela teve como conseqüência o fenômeno ecológico da seca e com ela veio a miséria, a fome, a migração etc. Nessa segunda geração começa “[...] a ‘década do romance’ modernista, início ruidoso de uma era de extraordinário esplendor, em que se distinguiu uma plêiade de artistas dotados de poderosa capacidade criadora.” (COUTINHO, 1975, p. 279). Por certo, incluindo nesse grupo a escritora Rachel de Queiroz, de maneira evidente, é patente que a geração de trinta apresentou a condição do trabalhador rural, a seca, a miséria, a migração e os conflitos através das representações na ficção literária.

É importante salientar que *O Quinze* é um romance de perspicácia amarga, porque bastaria à odisseia da família de Chico Bento para definir o texto literário com as cores sombreadas da desgraça. Diante do exposto, elas não se delimitam ao suplício dos retirantes, nem as sublimes páginas em que a terra e os homens figuram emaranhar-se na mesma visão de aridez e insanável miséria; não é menos original, o drama da comunicabilidade inexequível entre Ceição e Vicente, a parede que vai içando entre os dois ao passo que ela vai tendo uma ideia clara do que sente por ele, vai dando um formato que percebe a imensurável miséria que a cerca, embora seja um drama sem situações dramáticas sequer, independentemente de

Vicente seja o “proprietário mau”, e sim o posto, por via do que o mesmo inevitavelmente finaliza por determinar o plano dos sentimentos e os planos dos acontecimentos, apresentando a vida e a natureza controlada pela mesma inevitável lei.

Decerto, “o romance apresenta uma difícil relação de afetividade entre a normalista e o rude, viril e belo vaqueiro Vicente.” (MONTEIRO *apud* OLIVA, 2014, p. 4). No mais, na análise dos dois personagens, Conceição e Vicente, considera-se que existe “[...] uma discrepância qualitativa que tem razão de ser: pondo mais ênfase na calamidade meteorológica, com suas sequelas morais [...]” (MOISÉS, 1975, p. 469), divergência essa que tem sua justificativa para existir, colocando mais ênfase no desfortuno meteorológico com seus efeitos morais do que no amor que a romancista tencionava expor.

No romance *O Quinze* o leitor identifica algumas divergências entre a linguagem do narrador e dos personagens, e ainda na interlocução desses, onde se sobressaem expressões e os modismos populares, como “to tum fome!, “dá tumê”, “tá espiritado”, enquanto que o narrador usa uma linguagem dentro da norma culta. Depreende-se, entretanto, que nas falas dos personagens existem as “[...] constantes literárias – com linhas decisivas na linguagem direta, no episódio curto, na personalidade da personagem, na descrição enxuta – não se alterariam apesar do rigor no artesanato e na construção.” (FILHO, 1977, p. 17). Em vista desse posicionamento, uma produção literária regionalista, a narrativa resvala-se registrar ser “[...] uma prosa enxuta e viva [...] Os períodos são, em geral, menos “literários”, breves, colados à transcrição dos atos e dos acontecimentos. E o diálogo é corrente [...]” (BOSI, 1994, p. 361), articulado pelos personagens. No mais, as observações traçadas confirmam que *O Quinze* é um texto literário que apresenta uma linguagem simples, coloquial, sem ornamentação excessiva da linguagem, uma particularidade da simplicidade do sertanejo e a sua significação está precisamente neste estilo, quase na sua completude.

Consequentemente, no que tange à linguagem, “[...] não é suficiente o domínio linguístico para criar obras de ficção válidas: há que saber empregá-lo corretamente.” (MOISÉS, 1975, p. 468-469). Sendo assim, não é satisfatório apenas o domínio linguístico para produzir obras de ficção

incontestáveis, é preciso ser capaz de usar corretamente a linguagem para fazer uma boa aplicação dessa. No caso da obra literária *O Quinze*, esse domínio fez com que o livro se tornasse “[...] uma espécie de arauto da ficção nordestina dos anos 30. Especialmente daquela galvanizada pela problemática das secas e suas implicações socioeconômicas.” (MOISÉS, 1975, p. 469). Por conseguinte, o texto se torna mensageiro dos problemas sociais de um determinado período e este é “[...] o decênio mais importante [...] de 1930. [...] A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance [...] de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: [...] êxodo rural (Raquel de Queiroz); [...]” (CANDIDO, 2006, p. 131); que reverbera no romance.

## **FIOS TEÓRICOS DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A ESCRITORA RACHEL DE QUEIROZ, INTÉRPRETE CEARENSE, E A NARRATIVA O QUINZE**

A princípio, convém enfatizar o meritório papel da crítica literária e dos estudos referente à autora Rachel de Queiroz e à obra literária *O Quinze*, no passar do tempo. Isso posto, temos a publicação, nas páginas iniciais das edições do livro, a crítica que Adolfo Casais Monteiro delinea sobre alguns aspectos acerca do romance. No decorrer do texto Monteiro traz muitas perquirições sobre a narrativa e a escritora, como no excerto subsequente:

Todos os grandes livros têm um mistério inviolável. Ninguém saberá jamais, mesmo quem o escreveu, porque coube em sorte a uma professorinha de vinte anos dar ao romance brasileiro uma das suas obras definitivas. Podemos encontrar a explicação das condições que lhe deram o assunto, as personagens, etc.; podemos [...] compreender como ela terá sido conduzida a fazer da seca o tema do seu livro. Mas o fato da obra-prima fica por entender, a não ser que saibamos ter a humildade de pensar que, quanto a isto, só há realmente a entender uma coisa: que em Rachel de Queiroz os fios da necessidade e da liberdade, do motivo e

da capacidade para lhe dar corpo como arte, da consciência social e da emotividade individual, convergiram e se fundiram na hora própria. (MONTEIRO, 1977, p. 22).

Nas considerações traçadas, notabiliza-se um tom irônico na colocação das palavras de Monteiro, quando menciona a idade e a escritora como professorinha; porém, em meio as suas palavras, o crítico reconhece que a produção e a construção dos personagens com o ambiente social foram relevantes para o romance brasileiro. É nesse ponto da crítica literária que se constata que “[...] a crítica responde, para o bem ou para o mal, pela constituição de seu objeto” (DURÃO, 2016, p. 96). Dentro desse contexto, comprova-se que há um trabalho voltado para o estudo e a organização deste objeto. Nesse direcionamento,

[...] é que, por não ser um “romance social”, *O Quinze* é o mais notável, senão o único verdadeiro romance social brasileiro – porque as classes não existem em fórmulas sublinhadas pelo romancista, mas no irremediável das coisas, na espontaneidade dos próprios fatos, quer eles sejam exteriores ou interiores, quer se passem à escala dos grupos ou à de cada indivíduo. (MONTEIRO, 1977, p. 23).

Com tais pressupostos, certifica-se n’*O Quinze* uma narrativa social, isto é, “[...] um romance social em que se denuncia uma fatalidade geopolítica, segundo um pensamento dramático, que, contudo, não chega a exteriorizar-se.” (MOISÉS, 1975, p. 469). Assim, em âmbito sócio regional, Rachel de Queiroz expressa os interesses e angústias da sua região no Brasil.

Nesse cenário, o autor Graciliano Ramos “[...] duvidava da existência de alguém com o nome de Rachel de Queiroz, o que levou a apostar que um pseudônimo estaria escamoteando a verdadeira autoria do livro, esta sim, masculina” (FANINI, 2009, p. 257). O escritor alagoano, ao tomar conhecimento do romance *O Quinze* inadmitiu que esse livro tivesse sido escrito por uma mulher, isto é, desacreditou que a escrita fosse feminina. Ulteriormente, Ramos rememora o lapso e faz o seguinte comentário:

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 [...] por ser de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: não há ninguém com este nome... pilhéria. Uma garota fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. (RAMOS *apud* ABREU, 2012, p. 109).

Nessas palavras, reconhece-se que “A estreia em livro, ocorrida em 1930, com o romance *O Quinze*, que trata do drama dos flagelados e de agudas questões sociais, provocou tal impacto nos meios literários que houve até quem duvidasse de sua identidade.” (DUARTE, 2003, p. 164). Em face do exposto, essa postura de incerteza quanto a autoria feminina que o escritor teve ao não reconhecer que o romance tinha sido escrito por uma mulher comprova o fato de que, para o período em que a obra literária foi publicada, não era comum uma escritora com seu estilo próprio de expressão literária direcionasse o texto literário para a problemática social com uma linguagem tão sagaz. Sob essa visão,

Há dados circunstanciais, nessa estreia: o romance surgido de experiência direta é de uma mulher e mulher muito jovem. Esses dados negativos – nem a mulher, nem o jovem, em nosso país, têm condições sociais – esses dados fazem crescer o espanto ante uma descrição seca e violenta do fenômeno climático que assola uma região e lhe marca a fisionomia. Como quase toda a ficção nordestina, que vai dar o tom das letras brasileiras, no primeiro lustro dos anos trinta. (SODRÉ, 1995, p. 550).

Por essa visão, tal posicionamento desconsidera o reconhecimento de um texto literário que teve grande destaque no Modernismo, escrito por mulher, causando perplexidade. Nada obstante, na narrativa compreendemos que o talento da escritora vem primeiro, devido à consciência dos problemas sociais. À vista disso, ela foi colocada

“[...] na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária, espaços entranhadamente masculinos.” (DUARTE, 2003, p. 164). A partir deste romance *O Quinze* as demais obras literárias produzidas pela escritora cearense ratificaram suas qualidades.

É perceptível que a obra literária elucida comportamento; e o resultado significativo desse texto literário é a grande relevância que tem na moderna ficção brasileira, dado que, “*O Quinze* chega até nós [...] em 1930. E não envelheceu porque a matéria da qual é feito está isenta do peso da idade: a simplicidade (a mais difícil das virtudes literárias!), a sobriedade da construção, a nitidez das formas, a emoção sem grandiloquência.” (MONTEIRO, 1977, p. 24). Consequentemente, o romance não decaiu em razão da temática da qual foi feita, ela está eximida do encargo do tempo; para Monteiro (1977), a simplicidade da matéria consiste nas mais difíceis das virtudes literárias e da vida, já que há inteligibilidade na construção, na austeridade das formas e na emoção, sem magniloquência; logo, a maior constante do romance *O Quinze* é precisamente a preocupação social.

Outrossim, cabe sublinhar que o texto literário enquanto

[...] romance [...] exhibe uma totalidade funcional superior a qualquer outra manifestação literária. O romance contém um universo abrangente, que engloba uma miríade de personagens das mais variadas espécies; ele é capaz de abrigar em si um mundo próprio, espacial e temporalmente determinado [...] (DURÃO, 2016, p. 86).

Esse posicionamento adequa-se perfeitamente para o romance *O Quinze*, que tem como abordagem a seca de 1915, no Ceará, que foi o universo abrangedor para a construção da obra literária. Advém, entretanto, que tempo algum possibilita talento e maestria a nenhum escritor, porque é por meio da virtude que constitui a circunspeção intangível do romancista que é o dom, como a autora Rachel de Queiroz. Nesse âmbito,

[...] a consciência dos problemas jamais deu talento a romancista nenhum; o talento está primeiro, e só por ele os problemas se tornam visíveis - se o autor é capaz de não falar em problemas, mas em existências, em casos humanos, nas coisas de todos os dias. Nós julgamos ver lá o problema; mas é um erro: o que o romancista nos oferece é o contraste, o choque das vidas, os encontros e os desencontros; e o patético, como o dos retirantes de *O quinze* vem de cada um deles ser uma existência tornada presente, posta diante de nós sem ar de lição, mas como imagem da vida. (MONTEIRO apud OLIVA, 2014, p. 2).

No texto literário, a romancista promove estas batalhas como ilustração da vida, de forma singular, sendo que os conflitos e a intriga na narrativa são simples, levando em consideração que o vaqueiro Chico Bento, sua família e agregados, D. Inácia e Vicente, sofrem o impacto e a devastação geográfica e humana da seca cearense. Um delicado amor se apresenta dentro do quadro dessa miséria, não conseguindo tomar vulto expressivo.

É relevante acentuar que nas passagens do texto literário temos cenas e episódios próprios da região, como a procissão para pedir chuva, que é uma particularidade descritiva da condição social do retirante. Destarte, “[...] verifica-se que a produção [...] da literatura se processa por meio de representações [...] de uma certa visão das coisas [...]” (CANDIDO, 2006, p. 80), captando as peculiaridades sociais, retratando-as como ocorrem. Nesta perspectiva, “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, [...]” (CANDIDO, 2006, p. 65), assim como o que condiz a nível local.

Por outro viés, podemos então delinear que o sentido reivindicatório, conquanto não encaminha a nenhuma solução ou interpretações efetuadas, decidindo por mostrar os ares da região por intermédio de observação e construção dos personagens representativos, assim constitui a narrativa. Neste sentido, os personagens são significativos e representativos devido às privações humanas e sua sobrevivência a este período da seca.

Verifica-se, entretanto, que a obra literária *O Quinze* é

[...] uma ação magistralmente conduzida em dois planos, aos quais liga a figura central de Conceição, a qual pertence “realmente” aos dois. É através da sua experiência, [...] do que ela sente, que os ricos e os pobres confluem, é Conceição, pela inevitável fusão da personagem com a autora, que, integrando numa humanidade única os dois veios da ação romanesca, a ambos torna reais – pois com efeito a receptividade da personagem é a mesma da romancista: é ela que dá autenticidade a cada um dos mundos, e, tornando-os próximos, evitando o perigo do romance social, com a sabida divisão entre “bons pobres” e “maus ricos”, nos faz sentir, num plano superior, a igual inevitabilidade do drama sob ambas as suas faces. (MONTEIRO, 1977, p. 22-23).

Nessa perspectiva, compreende-se o romance a partir de dois campos de ação, o retirante com o seu drama e a interlocução impossível entre Conceição e Vicente. Dessa forma, entende-se que o romance no fundo é amargoso, em virtude de ser um texto de amor que não se realiza.

A autora Rachel de Queiroz “[...] há décadas mantém um público atento e renovado, seja para seus romances, seja para sua extensa produção no campo da crônica jornalística.” (DUARTE, 2003, p. 163). A sua obra continua sendo objeto de estudo para pesquisadores, não apenas com formação em Letras, mas outras áreas. Mesmo porque, “a mulher é parte de uma história que ainda possui muito a revelar, uma nova história que está brotando dos diversos questionamentos sobre as importantes discussões da humanidade.” (JACOMEL; PAGOTO, 2009, p. 21). Nesse cenário, observa-se que “[...] conhecer a escrita significou para a mulher problematizar o mundo. A mulher que incorpora a escrita deixa de ser identificada exclusivamente em sua função primordial e ‘natural’ [...]” (JACOMEL; PAGOTO, 2009, p. 12), voltada apenas para os trabalhos domésticos sem atuação social.

A representação da mulher como mulher intelectual e culta no espaço literário, assim como em outros campos de trabalho, é um pouco restrita e recepcionada com preconceito, mas ela não pode abandonar, combalir



ou desconsiderar a sua participação nesse e outros ambientes de trabalho, uma vez que “a mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.” (SPIVAK, 2010, p. 126). Diversos são os desafios e as objeções para serem enfrentados por mulheres inteligentes que continuam com pouco reconhecimento pelo seu trabalho; a visibilidade do trabalho é exígua, pois a inserção feminina, seja na escrita ou em outros campos de trabalho deve ser respeitada, tanto como intelectual, sujeito pensante, quanto como sujeito histórico, capaz e que deve ser reconhecida na função que desempenha.

Diante disso, a mudança do cânone literário direcionou a escrita feminina para o núcleo dos debates e continuou a datar da divulgação da obra *O Quinze*, uma inovação no exercício crítico literário, do seu período e no espaço nacional, compreendendo de modo impressionável a realidade brasileira.

No mais, a história denuncia as condições desfavoráveis em que sobrevive o nordestino, ela também mostra a má distribuição da terra como um obstáculo, grandes proprietários e paupérrimos trabalhadores são matizados com as mesmas cores, os dois são heroicos e equitativamente destruídos pelo mesmo inimigo, a seca. Reconhece-se, nesse sentido, que “o drama da seca se concentra, a humana história de alguns se convertendo em estória de todos, o sofrimento e a piedade em sua projeção maior que é a de todos os dias.” (FILHO, 1977, p. 17). Para tanto, o sofrimento causado pela seca não atinge apenas a uma pessoa em específico, mas a todos que estão no mesmo espaço atingido por esse fenômeno.

É nessa conjuntura que deve ser observado que além do sertanejo e do fenômeno climático, a realidade de proprietários de terras, que também sofreram os efeitos decorrentes do fenômeno climático, mas não tão quantos os empregados destes imóveis. Muito mais do que trazer ao texto a temática da seca está a da condição humana perante a incapacidade do homem diante desse fenômeno natural, tendo em vista a realidade do sertanejo desprovido de condição financeira. Rachel de Queiroz gradualmente enternece o leitor levando-o a real existência do nordestino, a depender do Estado, dos proprietários e de quem tem posses na região Nordeste.

A escritora Rachel de Queiroz conflui a sucessão dos acontecimentos levando em consideração a necessidade, a liberdade, os motivos e a capacidade representativa de cada um dos personagens aliado ao ambiente e as suas idiossincrasias para lhe dar corpo como arte, assim, reverbera o texto em consciência social e emotividade individual; logo, tanto para a romancista como para os leitores, a sua participação se torna relevante quando ambos reconhecem a realidade dentro de si e revive-a, haja vista considerar que os escritores tanto memorizam como inventam fatos, o que eles não podem idealizar é o sentimento da vida como ela é quando se aborda fatos reais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As referências apresentadas neste artigo foram feitas para mostrar a imensurável relevância da célebre escritora Rachel de Queiroz que foi e permanece como uma egrégia e louvável autora da literatura brasileira, reconhecida pela crítica literária nacional. Sendo ela mulher brasileira, nordestina, cearense, a primeira literata mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras, no século XX, tendo destaque nacional por ser uma mulher intérprete, da sua época e do seu espaço geográfico, descortinando-os por meio da escrita.

Exsurge, pois, que o romance regionalista oportuniza o contato do leitor com a realidade do período de seca, em determinada região do país. Nesse aspecto, o estudo do romance de produção feminina confere que a crítica literária certificou a presença das mulheres como sujeito histórico, fortalecendo sua identidade e participação social. Nesse cenário, muitos estudos críticos evidenciam como ponto central o regionalismo na obra literária da escritora Rachel de Queiroz, o que não é nenhuma surpresa, visto que foi esta temática que a colocou no universo das letras, contando com as palavras para merecer o seu lugar na literatura brasileira que, consequentemente, causou incômodo.

Logo, evidenciamos que o texto literário *O Quinze* nos leva a fazer parte de um universo de representações com personagens e ambiente com escassez de chuva que efetivamente impossibilitou os habitantes locais a

não permanecerem no local onde vivem e a se retirarem da sua terra natal, assim sendo, esta problemática revelou um problema social do ano de 1915 e que, ainda, perdura, hodiernamente.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Laile Ribeiro. O texto queiroziano e seu percurso crítico. *Em Tese*, v.18, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3797/3744>. Acesso em: 08 mar. 2020.
- BANDEIRA, Manuel. Rachel de Queiroz. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 236-237.
- BARROS, Aidil Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida de Sousa. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Macron Barros, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Duas Cidades: Ouro sobre azul, 2004.
- CONFORTIN, Helena. Discurso e gênero: a mulher em foco. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. (Org.) *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução a Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.

- DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados*, v. 49, n. 23, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Rachel de Queiroz – literatura e política no feminino. In: DUARTE, Constância Lima. (Org.). *Anais do V seminário Nacional Mulher e Literatura*. Natal, UFRN.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. *O que é crítica literária?* São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1987-2003)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/publico/MICHELE\\_ASMAR\\_FANINI.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/publico/MICHELE_ASMAR_FANINI.pdf). Acesso em: 28 dez. 2021.
- FILHO, Adonisas. O Romance *O Quinze*. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- JACOMEL, Mirele Carolina Werneque & PAGOTO, Cristian Pagoto. Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura. *Revista do Centro de educação e Letras*. v. 11, n. 1, p. 09-23, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936/3746>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Um romance que não envelheceu. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

- OLIVA, Osmar Pereira. Rachel de Queiroz e o romance de 30: ressonâncias do socialismo e do feminismo. *Cadernos Pagu* [online], n. 43, p. 385-415, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000200385](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200385). Acesso em: 20 fev. 2020.
- SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, n. 16, p. 297-325, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Texto recebido em 06/09/2021 e aprovado em 12/12/2021